

DEZEMBRO 98

i n f o r

A S S O C I A Ç Ã O P O R T U G U E S A D E G E Ó G R A F O S

12 & 13

**A Interdisciplinaridade
na Geografia Portuguesa:
Novos e Velhos Desafios**

ISSN 0872-6825

A APRECIÇÃO DA PAISAGEM NA SERRA DA BOA VIAGEM*

António Campar de Almeida – I.E.G. – Universidade de Coimbra

Os espaços naturais, ou com pouca intervenção humana ou onde essa intervenção pretendeu recriar condições tidas como naturais, são cada vez mais procurados pela população urbana nos seus tempos de lazer, e vêm adquirindo, por essa procura crescente, um valor cada vez maior. E se esse recurso se situa próximo de centros urbanos importantes, maior valor adquire, pela potencial maior frequência e, portanto, usufruto que passa a ter. Um afluxo elevado de pessoas, mesmo que só periodicamente, vai exigir o ordenamento do território em causa, dá modo a que, por um lado não haja sobrecarga demasiada sobre algumas das componentes físicas ou biológicas desse espaço e, por outro lado, se preparem pontos de paragem onde é possível usufruir os mais belos trechos de paisagem ou os mais reconfortantes ambientes, em regra aqueles que são preferidos por uma população saturada de um quotidiano carregado de *stress*.

As áreas montanhosas, tradicionalmente evitadas e mesmo temidas, são desde o séc. XVII cada vez mais apreciadas e procuradas (F. GONZALEZ BERNALDEZ, 1981). Mesmo quando apresentam altitudes modestas, permitem sempre a possibilidade de se obterem vistas mais longínquas e, talvez não menos importante, a sensação de domínio sobre o território envolvente, fazendo, porventura, despertar o nosso inconsciente icárico do desejo de voar.

A Serra da Boa Viagem, apesar de ser uma pequena elevação que mal ultrapassa os 250 m no seu ponto mais alto, por se achar isolada acima de vastas áreas aplanadas e baixas, desempenha regionalmente aquele papel de fascínio. Acresce o facto de estar adjacente a uma cidade que, sendo modesta, concentra, por via das suas praias, no Verão e nos fins de semana de quase todo o ano, uma população bastante significativa¹ e que se faz deslocar, em regra, de automóvel. Não admira, portanto, que grande número de pessoas, em especial nas horas de maior calor, procurem a serra ora como um complemento à praia ora para desfrutarem das suas vista e beleza intrínseca ora simplesmente para acharem uma sombra sob a qual possam comer o seu farnel.

Seja como for, nesta, ou desta, pequena serra é possível a observação, de trechos paisagísticos bastante interessantes e diversificados. Falta saber quais são esses trechos e de onde podem ser apreciados. É esse o propósito fundamental deste trabalho.

Já em trabalho anterior (F. REBELO *et al.*, 1990), onde as preocupações essenciais eram do mesmo âmbito, procurámos determinar quais os pontos e aspectos da serra com interesse turístico. A escolha baseou-se, no entanto, apenas na nossa sensibilidade e no nosso gosto, sofrendo, portanto, de grande subjectividade e do peso da nossa formação de geógrafos. Aliás, a

* Trabalho elaborado no âmbito do PRAXIS XXI, Projecto – 2/2.1/CTA-156/94.

¹ Segundo o Recenseamento Geral da População de 1991, a população residente nas freguesias da cidade da Figueira da Foz, S. Julião e S. Pedro, era de 14 837 e da freguesia de Buarcos de 8 007. Nos meses de Verão, a população presente chega a dobrar.

subjectividade é algo que não deixa de acompanhar os trabalhos dedicados à percepção da paisagem, em especial quando abordada sob as perspectivas emocional e estética. São já clássicos os trabalhos de D. L. LINTON e de K. D. FINES, ambos de 1968, e de B. C. WALLACE (1974) nas suas tentativas de avaliar as paisagens, por meio de inquéritos ou de comparação de fotografias. A aparente objectividade dos métodos e do tratamento estatístico dos resultados, não supera a subjectividade inerente à escolha prévia por parte dos autores quer das fotografias a comparar quer das variáveis preestabelecidas nos inquéritos, quer das pontuações previamente atribuídas a cada um dos tipos de paisagens. Outros autores se seguiram com métodos semelhantes e com a mesma finalidade de utilização dos resultados – o planeamento do território – embora pudessem divergir nas pessoas inquiridas. Uns, como aqueles autores, escolhiam pessoas com formação específica, outros, como por exemplo PENNING-ROWSELL e SHAFER, também na Inglaterra, inquiriam o público usufruidor do espaço em causa (F. GONZALEZ BERNALDEZ, 1981).

Os argumentos dos primeiros fundamentavam-se no facto de que a opinião das pessoas com experiência e formação específica de hoje será a opinião da maioria das pessoas amanhã, quando forem aumentados a educação e os tempos livres; para os segundos, deve ser ouvida a opinião das pessoas afectadas pelos planos, ou seja, pelos usufruidores das paisagens em vias de planificação (*idem, ibidem*).

No caso da Serra da Boa Viagem foram inquiridas pessoas que, não tendo todas uma formação específica em análise da paisagem ou no planeamento, são, no entanto, professores ou futuros professores, portanto, potenciais sensibilizadores e formadores de opinião.

Metodologia

Tendo por objecto a Serra da Boa Viagem, no seu tramo mais ocidental, mais elevado e melhor servido de vias de comunicação, lançámos um inquérito a quatro grupos de pessoas, todas ligadas à Faculdade de Letras de Coimbra. Um grupo constituído por alunos de Geografia, outro por professores de Línguas Modernas e de História, outro por alunos de Inglês-Francês e o último por alunos estrangeiros do Curso Anual de Estrangeiros. As pessoas apenas tinham que escolher livremente os pontos situados num percurso previamente estabelecido (Fig. 1), de onde se podiam observar os trechos de paisagem que achassem dignos de realce. Para cada um desses pontos era referenciado o trecho em causa pela amplitude (ângulo de visão) e pela profundidade (extensão de visão), sendo anotados, por livre escolha também, os elementos a salientar e a sensação ou sensações (emoções) despertadas pelo contacto com aquele cenário.

Os dois primeiros conjuntos de dados permitem a cartografia dos pontos de observação ou de paragem mais interessantes da serra; os dois últimos permitem a sua caracterização por meio dos aspectos estéticos, sensoriais e sentimentais mais relevantes.

Os pontos de observação

Já foi dito que o trajecto percorrido pelos vários grupos foi sempre o mesmo e além disso sempre no mesmo sentido. Ora, pode questionar-se: se fosse feito em sentido inverso, os pontos escolhidos seriam os mesmos? É muito provável que alguns dos trechos de paisagem referenciados, pudessem ser vistos, em primeiro, de outro local se o percurso fosse em sentido inverso. Também se podia dar o caso de outro trecho semelhante ser referenciado antes e, por uma questão de repetição de tema, já não incidisse a escolha sobre o agora eleito. O modo de

aproximação por vezes é importante pelo maior ou menor impacto visual que exerce. A observação da composição de um determinado trecho da paisagem efectuada gradualmente exerce uma sensação diferente, decerto, da que é proporcionada se todo aquele trecho surgir de repente e de uma só vez. Aqui, o observador é mais afectado emocionalmente e, portanto, é tentado a achar mais interessante esta visão.

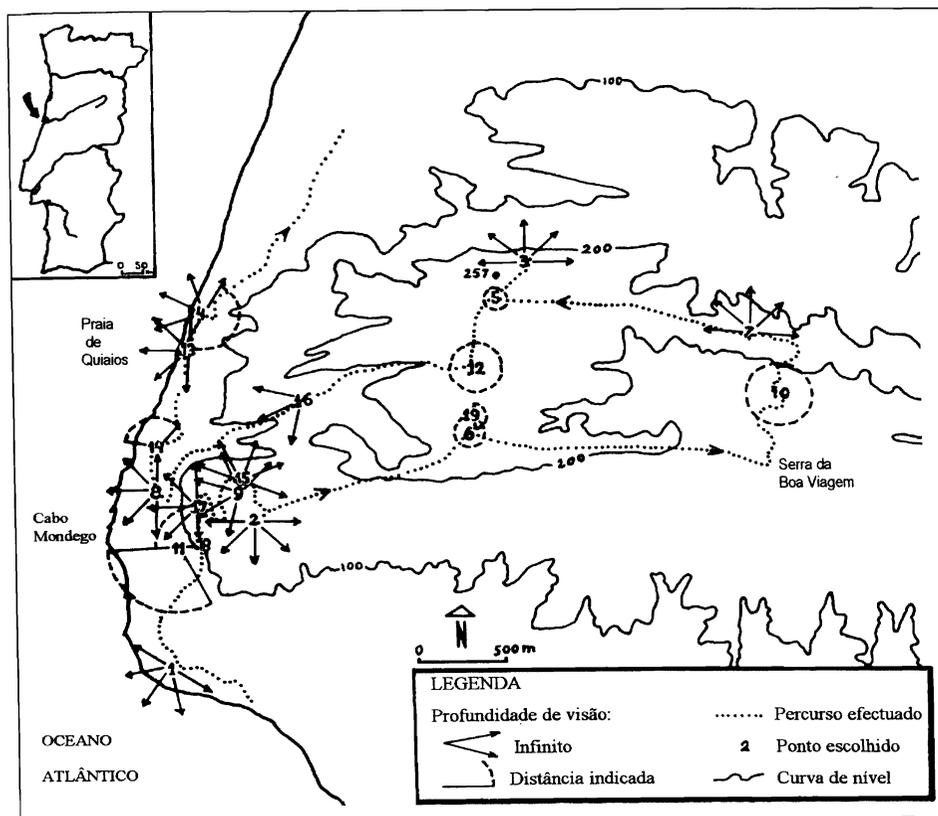


Fig. 1 – Localização dos pontos escolhidos, da sua amplitude e profundidade de visão.

Mesmo considerando a área escolhida da Serra, outros trajectos complementares poderiam ser percorridos, só que, por não terem, em regra, continuidade, o que obrigava a uma repetição em sentido inverso dos percursos, e pelo seu piso não permitir uma circulação automóvel normal, não foram feitos. No entanto, alguns deles, por terminarem em esporões naturais², proporcionam vistas muito belas que seriam, decerto, escolhidas pela maioria das pessoas inquiridas.

Analisado o conjunto dos inquéritos verificou-se terem sido seleccionados 19 pontos diferentes, dos quais apenas quatro foram objecto de preferência por todos os grupos e pela quase

² No *terminus* de uma das cumeadas sobranceiras à actual pedreira do cabo, Manuel Alberto Rei fez construir um miradouro de onde, agora que não há os pinheiros a encobrirem, se pode desfrutar uma vista ampla sobre o Cabo Mondego e o mar.

totalidade dos seus componentes. Destes, três coincidem com miradouros já existentes – o do Farol Velho (1), o da Vela (2) e o da Bandeira (3) (Fig. 1) – e o quarto com um ponto da estrada do Cabo Mondego, em frente à Casa dos Cogumelos e às vertentes escarpadas do vale de Anta (4). Pela sua posição alcandorada, facultam uma grande amplitude de observação, com a presença constante do mar, da praia e de grandes extensões de território com a mais variada estrutura e composição.

Os outros pontos podem ser distribuídos por três grupos em função, ainda, do seu posicionamento na Serra. Um junta-se aos quatro primeiros mencionados por comungar da vastidão das vistas, favorecido por uma posição elevada e de onde se pode observar, também, sempre o mar e as praias. Incluem-se aqui os pontos 7, 9, 15 e 17 (Fig. 1). De salientar que, se se exceptuar o Miradouro da Antena da Vela (9), de onde mesmo com a vegetação anterior era possível ter uma vista semelhante à actual, os outros pontos só foram escolhidos, pelas motivações apontadas, porque a mata desapareceu com o incêndio. Pode deduzir-se que, depois da reposição da vegetação arbórea na Serra, estes pontos não serão, decerto, favoráveis a uma observação paisagística nos moldes em que agora é referenciada.

Com uma localização que permite a observação de um conjunto de elementos já com maior proximidade do observador e que gira em torno da morfologia e da estrutura geológica, podem agrupar-se os pontos 8, 11, 13, 14 e 16. Ligam-se, em regra, com o Cabo Mondego e as suas arribas, ou outras estruturas associadas.

O último grupo é o que tem a ver com uma apreciação da imediata proximidade e está-lhe quase sempre associada uma mata, onde a espécie arbórea dominante pode variar. Corresponde aos pontos 5, 6, 10, 12, 18 e 19. A maioria situa-se no cimo da Serra que foi poupada ao desbaste das chamas no incêndio de 1993.

É notória a concentração dos pontos escolhidos no extremo ocidental da Serra, fruto, decerto, de vários condicionalismos de que se podem destacar: a maior proximidade do mar, a elevação rápida da topografia, através de arribas e de vertentes bastante abruptas, e o desaparecimento da vegetação arbórea que permitiu alargar o horizonte visual.

Para já pode inferir-se que os principais motivos de apreciação na Serra da Boa Viagem são a vastidão do território que é possível observar, em especial, o mar e as formas continentais que lhe estão próximas, o Cabo Mondego e as suas estruturas, e a vegetação quando relativamente preservada. Isto pode confirmar-se pela análise dos elementos da paisagem salientados pelas pessoas inquiridas.

Os elementos

Na totalidade foram referidos cerca de 105 elementos componentes da paisagem e dignos de serem salientados. Destes, são de relevar o *mar*, o mais apontado, e as formas que a ele estão directamente ligadas, as *praias* e a *linha de costa* um pouco mais abaixo (Quadro 1). São o resultado óbvio da posição dominante da Serra sobre o mar, que parece penetrar.

Curiosamente, e apesar da destruição da maior parte do coberto vegetal no incêndio de 1993, elementos que têm a ver com aquele – *vegetação*, *pinheiros* e *árvores* – surgem nos lugares cimeiros das nomeações (Quadro I). Isto mostra o papel fundamental que tem a vegetação nas paisagens, funcionando ora como elemento principal de destaque, e não só sob a forma de floresta, já que outras formações arbustivas ou mais baixas também podem ser objecto dessa apreciação, ora como elemento complementar que ajuda sempre a alindar, a tornar menos agrestes, trechos, por mais acidentados que sejam.

Quadro I – Ordenação dos primeiros 20 elementos mais nomeados.

Elementos	Nº	Variáveis
Mar	52	Hidrológica
Vegetação	44	Vegetal
Praia	31	Geomorfológica
Rochas	24	"
Pinheiros	22	Vegetal
Árvores	15	"
Estratificação	15	Geomorfológica
Cidade	13	Humana
Relevo	12	Geomorfológica
Linha de costa	12	"
Farol	11	Humana
Serra	8	Geomorfológica
Casa isolada	7	Humana
Pedreira	7	"
Caminhos	7	"
Barulho do mar	6	El. Sensorial físico
Vertentes	6	Geomorfológica
Cornijas	6	"
Gorjeio das aves	6	El. Sensorial físico
Linha mar/céu	6	Contraste

Só de seguida, aspectos que têm a ver intrinsecamente com a Serra colhem a preferência dos inquiridos. Refiro-me aos elementos *rochas*, *estratificação*, *relevo* e *serra*.

Os elementos humanos, como *cidade*, *farol*, *casa isolada*, *pedreira* e *caminhos*, surgem em quarto lugar nas preferências (Quadro I), o que denota uma tendência geral das pessoas para apreciar em primeiro lugar os aspectos naturais e só depois os de origem humana. Ou, sob outra perspectiva, a paisagem da Serra da Boa Viagem é apreciada fundamentalmente pelos seus aspectos biofísicos.

Tal como já foi dito, verifica-se haver uma coincidência entre certos elementos e alguns dos pontos escolhidos. Isso permite salientar uma associação entre alguns desses pontos. Para determinar essas associações ensaiei a correlação simples entre os pontos pela aplicação do coeficiente de correlação linear de Pearson (GRUPE CHADULE, 1994). A partir dos resultados da aplicação deste método estatístico (Anexo B) foi possível separar dois grupos, para um $r \geq 0,80$, determinados pela importância de variáveis distintas (Fig. 2).

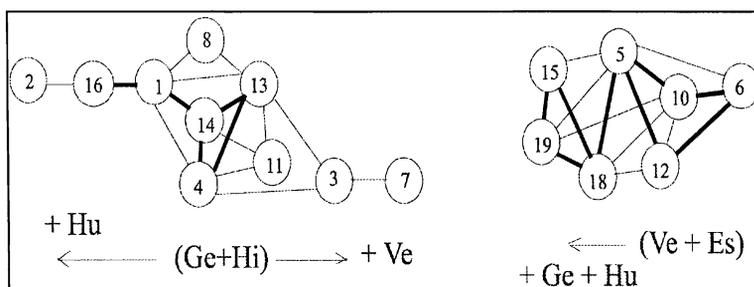


Fig. 2 – Grafo das associações entre os pontos, em função dos elementos referidos.
Traço fino – $r \geq 0,80$; Traço grosso – $r \geq 0,90$.

O primeiro grupo está associado aos elementos geomorfológicos e hídricos que advém do facto de ser constituído pelos pontos que se apresentam alcandorados no cimo da Serra ou sobre arribas do Cabo Mondego, naturais ou artificiais. Curiosamente, quando se caminha para o lado esquerdo do grafo, os elementos humanos adquirem uma certa importância, tal como quando se caminha para o lado direito, adquirem algum peso os elementos vegetais.

O segundo grupo é caracterizado pelo domínio de elementos vegetais e sensoriais físicos; secundariamente, há a influência dos elementos geomorfológicos e humanos quando se caminha para a esquerda do agrupamento. Para já fica demonstrada uma certa relação entre os elementos vegetais e os sensoriais físicos, motivados pela sombra, de que resulta uma maior frescura, e pelos aromas das árvores, por exemplo. Se se exceptuar o ponto 15 (subida para a Vela), com vistas amplas, todos os outros são pontos cujo horizonte visual está confinado a um espaço restrito, pelo facto de se situarem no meio de trechos arborizados.

Dois pontos, o 9 e o 17, surgem individualizados daqueles grupos, àquele nível de correlação, no entanto, aproximam-se bastante do 1.º grupo, tendo em atenção as variáveis que lhes estão associadas e a sua posição elevada na Serra que lhes facultam amplos horizontes. Aliás, para o ponto 9 bastava baixar o limiar mínimo do *r* para 0,79 para ele se ligar ao ponto 16.

Em síntese, também se verifica, usando este processo estatístico, uma certa dicotomia entre os pontos com maior profundidade de visão, em que os elementos geomorfológicos, hídricos e humanos tomam maior peso e os pontos confinados no espaço, incluídos em matas, onde os elementos vegetais e sensoriais físicos tomam a primazia.

As sensações

As sensações, ou emoções, causadas pela observação dos trechos de paisagem a partir dos pontos escolhidos, foram bastante variadas (121), havendo necessidade, portanto, de as agrupar pelas suas afinidades. Daqui resultaram 10 grupos que passaram a funcionar como as variáveis no posterior tratamento estatístico.

De qualquer modo, e tendo em atenção as 20 sensações mais nomeadas (Quadro II), são de destacar as que têm a ver com um estado de *satisfação* (tranquilidade, calma, sossego, bem-estar, paz, ...). Frescura, uma *sensação física*, é, também, uma das mais referidas. Já bem abaixo, e com poucas nomeações, surgem sensações de outro tipo, como grandiosidade (*dimensão*), interessante (*curiosidade*), nostalgia (*depressão*), vontade de voar (*prática de actividade física*), etc.

É evidente a frequência com que as pessoas referem sentir satisfação, relaxamento, prazer, na Serra da Boa Viagem, ao mirarem as suas paisagens. Mesmo a frescura ou o silêncio podem ser vistos naquele sentido. Não obstante, há sítios que podem proporcionar sensações desagradáveis de depressão ou hostilidade; assim como há outros que, fruto da posição elevada da Serra, inspiram a prática dos chamados desportos radicais ou, para as pessoas mais meditativas, pensamentos metafísicos.

Ao olhar-se a matriz das sensações (Anexo A), verifica-se o grande domínio da variável satisfação, com escolhas iguais ou superiores às outras variáveis em todos os pontos menos em três: 8, 11 e 14. Significa que se pode, numa primeira abordagem separar estes três pontos dos outros. Curiosamente, todos eles inspiram sensações predominantemente negativos: de repugnância o 8, e de hostilidade e depressão os outros dois.

Quadro II – Ordenação das vinte sensações mais nomeadas.

Sensações	Nº	Variáveis
Tranquilidade	28	Satisfação
Calma	21	"
Frescura	18	Sensação Física
Sossego	16	Satisfação
Bem-estar	14	"
Paz	11	"
Liberdade	8	"
Descontração	6	"
Grandiosidade	5	Dimensão
Interessante	5	Curiosidade
Prazer	4	Satisfação
Nostalgia	4	Depressão
Vontade de voar	4	Prát. Activ. Física
Silêncio	4	Sensação Física
Beleza	4	Harmonia
Imensidão	3	Dimensão
Isolamento	3	Depressão
Enormidade	3	Dimensão
Alegria saltitante	3	Satisfação
Vontade de explorar	3	Prát. Activ. Física

A fim de agrupar os pontos com afinidades nas sensações causadas aos observadores, apliquei uma correlação linear simples com base nas variáveis para além da satisfação que, como se viu, serviu para discriminar aqueles três pontos dos restantes.

Verifica-se que, para um $r \geq 0,60$, se congregam dois conjuntos de pontos separados por uma fila de pontos constituídos por aqueles em que a variável *satisfação* ou não existe ou tem pouco peso, e um outro grupo isolado constituído apenas por dois pontos (Fig. 3). Estes últimos têm em comum as variáveis *satisfação*, com grande peso, e *harmonia*. Atendendo à elevada importância que aqui toma a variável *satisfação*, pode-se-lhes juntar os pontos 18 e 19 que não figuraram, por apenas terem motivado sensações deste tipo. São pontos ora com boa vista sobre a Serra (15 e 17) ora confinados no espaço mas bastante agradáveis (18 e 19).

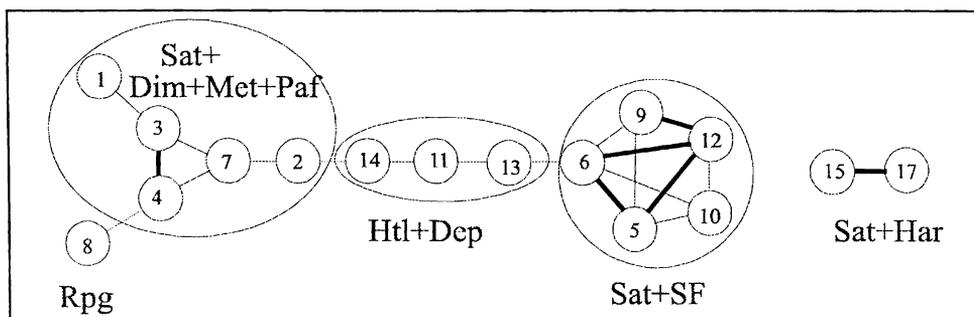


Fig. 3 – Grafo das associações entre os pontos, em função das sensações referidas.
 Traço fino – $r \geq 0,60$; Traço grosso – $r \geq 0,80$; Traço pontilhado – correlação negativa.

O grupo constituído pelos pontos 5, 6, 9, 10 e 12, ao qual se pode agregar o 13, para além da sensação *satisfação*, caracteriza-se pela importância das *sensações físicas*, motivadas, decerto, pela maioria se situar no meio de matas.

Do lado oposto reúnem-se os pontos 1, 2, 3, 4 e 7 que motivaram sensações de *satisfação*, assim como de *dimensão*, *metafísica* e de *prática de actividade física*. A posição elevada de todos eles, por vezes sobre escarpas, e o vasto território que daí pode ser observado, são, decerto, as razões principais daquelas escolhas. A vastidão e diversidade dos trechos observáveis, em regra até ao infinito, suscitam sensações que reflectem essa mesma grandiosidade e no confronto com a nossa pequenez, inspira ideias metafísicas de divindade, vida, eternidade, etc. A posição elevada favorece lembranças de práticas de actividades físicas como voar, correr pela encosta, etc.

Ao ponto 4 liga-se negativamente o ponto 8 que apesar de ter sido escolhido pela beleza do trecho de paisagem daí desfrutada, veio a inspirar sensações de *repugnância* pelo mau cheiro advindo da lixeira situada logo abaixo. É um exemplo bem ilustrativo de como se pode destruir uma aptidão inata, pelo mau uso efectuado pelo homem.

Embora por motivos diferentes, os pontos 11 e 14, e de certo modo o 13, que permeiam os dois grandes grupos, caracterizam-se por suscitarem sensações de *hostilidade* e *depressão*. Advém do facto de se tratar de pontos junto a arribas bastante profundas e de pedras nuas a causarem um certo medo e insegurança. Poder-se-á juntar a este grupo o ponto 16 que não obteve nenhum coeficiente de 0,60, e que também inspira sensações de isolamento, depressão, pela sua posição no fundo de um vale de vertentes relativamente elevadas.

Em síntese, os pontos situados no cimo da Serra e os situados no meio de arvoredos causam sensações agradáveis de satisfação, propiciando os primeiros, simultaneamente, sensações contrastadas de elevação espiritual e de apetência para práticas desportivas e os segundos sensações físicas e de uma certa curiosidade. Os pontos mais próximos do Cabo Mondego, e em especial das pedreiras, causam sensações de hostilidade e uma certa depressão, não obstante oferecerem trechos de paisagem belos.

Conclusão

Pelo exposto, é possível concluir que a Serra da Boa Viagem é uma boa alternativa em termos de lazer, com uma componente de relaxamento muito importante, por oferecer um razoável número de situações onde é possível desfrutar dessa benesse. São vastos e variados os trechos de paisagem observáveis dos seus cumes, mas também são frequentes os recantos sombrios e acolhedores, para aqueles que apreciam mais o repouso recuperante de energias ou que procuram satisfazer a curiosidade, sobre um exótico construído por uma vida citadina.

Apesar de neste caso concreto as preferências das pessoas apontarem para sítios com vistas amplas, em especial de onde se possa ver o mar e as áreas adjacentes, e secundariamente para sítios no seio de matas mais ou menos exuberantes, torna-se prematuro, e perigoso, tentar qualquer generalização em termos de preferências do público por estes tipos de trechos paisagísticos. Convém, portanto, ensaiar este tipo de inquérito, partindo do pressuposto que ele foi válido, a outras áreas que poderão estar incluídas, para já, na sub-região do Baixo Mondego.

III Congresso da Geografia Portuguesa

Referências bibliográficas

- CHADULE, GRUPE (1994) – *Initiation aux pratiques statistiques en Géographie*. 3.^a ed., Masson, Paris, 203 p.
- GONZALEZ BERNALDEZ, F. (1981) – *Ecologia y paisaje*. H. Blume Ediciones, Madrid, 251 p.
- REBELO, F.; CUNHA, L.; ALMEIDA, A. C. (1990) – “Contribuição da Geografia Física para a inventariação das potencialidades turísticas do Baixo Mondego”. Coimbra, *Cadernos de Geografia*, 10, pp. 3-34.
- WALACE, B. C. (1974) – “Landscape Evaluation and the Essex Coast”. *Regional Studies*, 8, 3-4, pp. 299-305.

ANEXOS

A – Matriz geral dos dados.

Ge – Geomorfológico; Hi – Hídrico; Hu – Humano; Ve – vegetal; Gl – Global; Es – Elemento sensorial físico; Co – Contraste; Sa – Satisfação; Di – Dimensão; Sf – Sensação física; Me – Metafísica; Ht – Hostilidade; Pa – Prática de actividade física; De – Depressão; Rp – Repugnância; Cu – Curiosidade.

	Elementos							Sensações									
	ge	hi	hu	ve	gl	es	co	sa	di	sf	me	ht	pa	ha	de	rp	cu
1	21	14	10	3	2	4	1	17	4	3	1	.	1	.	1	.	1
2	14	16	17	11	4	3	1	12	4	1	4	0	1	3	1	.	.
3	27	5	8	15	7	11	2	12	7	3	2	1	8	.	2	.	2
4	40	8	5	2	0	3	2	11	4	3	2	2	5	3	2	.	1
5	2	.	5	20	.	6	.	12	.	6	1	.	1	2	1	.	2
6	.	.	.	20	1	14	.	9	.	4	.	1	.	.	1	.	1
7	11	6	2	11	2	3	.	5	5	.	1	.	2	2	2	.	.
8	6	4	2	.	.	4	1	.	1	1	4	.
9	6	3	13	2	.	.	1	11	.	2	1	.	.	.	1	.	.
10	1	.	1	13	.	6	2	15	.	2	1	.	2
11	7	2	.	3	.	.	2	2	.	1	.	4	1	1	1	.	.
12	.	.	2	13	.	4	.	10	.	3
13	11	3	.	.	.	1	.	5	2	3	.	3	1	.	1	.	.
14	8	2	1	1	.	2	1	.	2	.	1
15	4	1	3	5	1	3	1	8	1	.	.	.
16	6	5	6	.	.	1	.	3	1	.	.	.	1	.	3	.	.
17	.	2	2	1	.	.	1	4	1	.	.	.
18	1	.	1	2	.	1	.	3
19	2	.	1	3	.	2	.	4

inforgeo

B – Coeficientes de correlação linear entre os pontos escolhidos, em função dos elementos nomeados (em itálico os coeficientes negativos).

	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19		
1	.74	.62	.87	.25	.41	.54	.84	.52	<i>.39</i>	.67	<i>.34</i>	.87	.90	.22	.90	.12	.05	.11		
2		.34	.42	.13	.19	.51	.44	.75	.12	.32	.05	.39	.48	.34	.84	.59	.29	.17		
3			.83	.29	.20	.80	.58	.19	.22	.78	.21	.80	.79	.75	.36	.47	.59	.71		
4				.19	.30	.60	.76	.30	.25	.87	.28	.98	.99	.36	.63	.28	.14	.27		
5					.88	.54	.28	.00	.95	.07	.99	.24	.24	.80	.29	.04	.90	.82		
6						.39	.19	<i>.36</i>	.95	.07	.91	<i>.29</i>	<i>.37</i>	.65	.51	.22	.76	.78		
7							.39	.05	.46	.77	.49	.61	.59	.73	.26	.12	.64	.70		
8								.24	<i>.29</i>	.49	<i>.33</i>	.80	.76	.20	.72	.13	.05	.20		
9									.26	.08	.11	.18	.33	.28	.79	.54	.24	.07		
10										.05	.97	.27	.32	.71	.49	.10	.81	.80		
11												.01	.86	.85	.45	.36	.22	.26	.38	
12													.31	.33	.73	.38	.02	.84	.78	
13														.98	.29	.60	.31	.06	.23	
14															.30	.69	.21	.08	.20	
15																.13	.16	.97	.96	
16																	.41	.01	.02	
17																		.07	.28	
18																				.95

C – Coeficientes de correlação linear simples entre os pontos escolhidos, em função das sensações nomeadas (em itálico os valores negativos)

	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	
1	.42	.64	.48	.33	.37	.55	.52	.38	.29	.33	.47	.47	.16	.32	.16	.32	.00	.00	
2		.26	.43	.08	.33	.69	<i>.39</i>	.08	<i>.40</i>	<i>.38</i>	.12	.15	.62	.32	.01	.32	.00	.00	
3			.80	.04	.08	.62	.55	.06	.09	.17	.02	.28	.02	.36	.30	.36	.00	.00	
4				.14	.01	.63	.64	.02	.20	.09	.13	.36	.01	.13	.22	.13	.00	.00	
5					.86	.33	.36	.75	.73	.08	.90	.29	.07	.11	.21	.11	.00	.00	
6						.42	.25	.77	.77	.21	.92	.62	.40	.22	.08	.22	.00	.00	
7							.30	.24	<i>.39</i>	.27	.30	.03	.30	.15	.47	.15	.00	.00	
8								.27	.31	.01	.22	.28	.16	.06	.08	.06	.00	.00	
9									.54	.07	.80	.34	.18	.22	.13	.22	.00	.00	
10										.16	.61	.16	.35	.23	.03	.23	.00	.00	
11											.03	.62	.68	.03	.04	.03	.00	.00	
12												.55	.10	.12	.20	.12	.00	.00	
13													.49	.32	.04	.32	.00	.00	
14														.35	.46	.35	.00	.00	
15															.20	1.0	.00	.00	
16																.20	.00	.00	
17																	.00	.00	
18																		.00	.00